

CONSUMIDORES DA FÉ

Bárbara Semerene
Especial para o Correio

É possível uma única pessoa ser católica, fazer terapia, simpatizar com o budismo, acreditar em reencarnação, fazer acupuntura para aliviar a tensão, e de vez em quando ir a uma feira mística, "só de brincadeira"? Não só é possível, como é uma tendência em Brasília, segundo uma recente pesquisa das professoras Deis Siqueira e Lourdes Bandeira, do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. O estudo se chama *Psicologização das Religiões: religiosidade e estilo de vida* e foi concluído em setembro.

Segundo dados da pesquisa, os brasilienses de 43 a 49 anos já circularam, em média, por cinco religiões diferentes ao longo da vida. E já experimentaram cerca de 11 práticas alternativas (como homeopatias, florais de Bach, acupuntura). Deis Siqueira acredita que a "busca interminável pelas forças do além" ficou mais intensa e evidente depois da queda do muro de Berlim. "Minha geração acreditava no comunismo e os sonhos caíram por terra. Ficamos sem chão", explica a professora de 45 anos.

O pluralismo religioso também atrai as gerações mais novas. "Gosto de conhecer de tudo, mas não me deixo impressionar por nada para não virar fanático", diz Antônio-Elias Vale Tavares, de 36 anos. Na sexta-feira, ele foi a uma sessão de tarô na VI Feira Esotérica instalada no Liberty Mall, exposição que traz novidades do gênero como a eletromagnetoterapia (máquina que equilibra o magnetismo do corpo) ou artes conhecidas como acupuntura e iridologia.

No estudo sobre a espiritualidade brasiliense, Deis Siqueira e Lourdes Bandeira fazem um paralelo entre religião, misticismo, esoterismo, magia, psicologia e medicina alternativa. Segundo elas, todas essas práticas têm em comum a busca do auto-aperfeiçoamento. "As pessoas estão em constante experimentação, incorporando caminhos próprios e individuais tanto para a dimensão espiritual quanto para a psíquica, a corporal e a intuitiva", explica Deis.

Antônio-Elias está sintonizado com esse movimento pluralista da espiritualidade. Faz questão de colocar o hífen (oficialmente inexistente) entre seus dois nomes. "É para unir as forças dos meus avós paterno

Jorge Cardoso



Tânia Farias (E) em consulta de tarô: "Vim porque gosto da cigana"

(Antônio) e materno (Elias) e mim", explica. Esse funcionário público, que se diz educado pela força da Oasca (um chá servido na Ceita União do Vegetal), acredita em reencarnação, já fez tai-chi-chuan, Yoga do Som e se declara um consumista assumido.

CAPITALISMO E FÉ

As pesquisadoras fazem um paralelo entre espiritualidade e capitalismo. Segundo elas, a proliferação de "autos" mostra como essas práticas são centradas no individualismo, pilar fundamental do sistema capitalista. A quantidade de opções de práticas terapêuticas, místicas e religiosas indicaria a tendência a transformar a religião em produto, uma para cada gosto.

Os adeptos dos grupos místico-esotéricos não reconhecem, entretanto, o individualismo e o

consumismo inerentes à sua busca. Deis e Lourdes aplicaram um questionário a 200 seguidores de Brasília e do Entorno e verificaram que, para a maioria deles (56%), os principais problemas da sociedade atual são comportamentais (preconceito, falta de solidariedade, de compaixão, de disciplina, egoísmo, ganância, individualismo e consumismo).

Tânia Farias, de 41 anos, é um exemplo de como acontece o consumo da fé. Ela foi a uma sessão de tarô na feira do shopping. "Não sou a favor de pagar para que me ajudem a entender melhor o meu caminho na Terra, mas gosto muito desta cigana com quem me consultei e por isso vim à feira", justifica. Embora admita uma maior identificação com a umbanda, Tânia diz ser de todas as religiões.